

As Aventuras de Tom Sawyer – Mark Twain

A obra “As aventuras de Tom Sawyer” tem como personagem principal o menino Tom, de personalidade bondosa, mas ao mesmo tempo egocêntrica, querendo ser sempre o centro das atenções. Tom para alcançar seus objetivos acaba sempre manipulando as pessoas, nem sempre levando em conta a questão do “certo” e “errado”, como podemos observar em vários momentos da obra.

“(…) _ Céus! Mas eu não quero segui-lo sozinho.

_ Será de noite, com certeza, e pode ser que ele nem veja você. E, se vir, não vai pensar em nada.

_ Bom, se estiver escuro, pode ser que eu o siga, mas não sei...

_ Eu o seguiria, estando escuro, Huck. Pode estar certo. Se ele convencesse de que não podia se vingar, com certeza iria diretamente buscar o dinheiro.

_ Tem razão, Tom. É isso mesmo. Eu o sigo. Palavra que sigo. (...).”(TWAIN, 2007, p.149).

Mark Twain retrata a fantasia do mundo infantil através das aventuras de Tom, um mundo de liberdade, onde as regras não fazem parte, pois podemos perceber através das atitudes de Tom que o que realmente importa e dão sabor em sua vida são as aventuras, vivendo sua infância plenamente, sem se importar com as regras do mundo adulto, sendo suas brincadeiras favoritas: lutas, faltar à escola, assobios, nadar no rio, etc. Podemos perceber isso claramente no capítulo em que Tom e seus amigos Joe Harper e Huck fogem para serem piratas, pois para eles, em seu mundo de criança, os castigos que recebiam era porque ninguém gostava deles, sentiam que serviam apenas para atrapalhar, não entendendo que os adultos por gostarem deles tinham por obrigação chamar-lhes a atenção para que crescessem e se tornassem adultos conscientes de que, nem sempre, pode-se fazer tudo o que quer, que toda ação tem uma reação, que tudo que se faz tem suas conseqüências. Isso pode ser observado no capítulo 13, “As primeiras ações dos piratas”.

“(…) Finalmente, Tom havia se decidido. Sentia-se triste e sem esperanças. Era perseguido, não tinha amigos, disse consigo, ninguém o estimava; quem sabe um dia, sentiriam pena dele, quando percebessem o que lhe tinham feito; tentara proceder bem e suportar tudo, mas não o tinham deixado; visto que só os satisfazia verem-se livres dele, assim seria. (...).”

“(…) acabou por pedir a Joe que não o esquecesse, mas em breve percebeu que Joe tinha vindo atrás dele com a mesma intenção. A mãe o sovara por ter comido certo creme que ele não havia provado e nem sabia que existia; (...) estava farta dele e queria expulsá-lo de casa (...).” (2007, p.80).

Nesse capítulo também podemos observar outro ponto em que se contrasta o mundo adulto com o mundo infantil. Sendo esse ponto o fato de Tom querer ser pirata, pois para ele em sua mente infantil, apesar de piratas serem bandidos, essa “profissão” significava ter status, muito diferente da visão dos adultos.

“(…), depois de ouvir Tom, concordou em que era muito mais vantajoso a vida de crime e condescendeu em ser pirata.(...) (2007, p.81).

“(…) os outros meninos lhe disseram que as roupas luxuosas viriam muito me breve, logo que comessem as aventura, dando-lhe a entender que aquele tristes farrapos serviam bem para começar, embora fosse costume os piratas ricos terem boas roupas para principiarem a sua carreira. (...).” (2007, p.85).

E assim Tom vai traçando sua trajetória de ascensão fazendo uso de sua inteligência, mas podemos perceber em toda a obra que suas malandragens não eram cruéis. Simplesmente, Tom era muito esperto, e para sobreviver em seu meio usava sua esperteza para sempre levar vantagens sobre os outros personagens, como podemos perceber no seguinte fragmento:

“(…) _ Escute, Billy, você tem um cartão amarelo?

_ Tenho.

_ Quanto quer por ele?

_ Quanto você dá? (...)”.

“(…) Tom mostrou, e, como a paga era satisfatória, a propriedade mudou de dono. Em seguida pagou com um par de bolinhas três bilhetes vermelhos e com uma outra insignificância mais dois azuis.

Ficou assim à espera dos outros meninos, à medida que entravam, e foi comprando cartões de várias cores durante mais dez ou quinze minutos. (...)” (2007, p.31).

(...) Só faltava uma coisa para a felicidade do Sr. Walters ser completa: era a oportunidade e entregar uma Bíblia como prêmio e mostrar um prodígio.(...)”. (2007, p. 34 e 35).

(...) Tom Sawyer se adiantou, com nove cartões amarelos, nove cartões vermelhos e dez azuis, para pedir uma Bíblia. Foi como um trovão num dia de céu límpido. (...)”.

“(…) Os meninos estavam doidos de inveja, mas os mais indignados eram os que se apercebiam, demasiado tarde, que tinham contribuído para aquele triunfo, entregando cartões a Tom a troco de riquezas que ele adquirira graças a seu tirocínio. (...)”. (2007, p. 35).

Outro momento muito interessante na obra é o capítulo final, quando Tom não quer aceitar Huck em sua quadrilha, pois através do que ele diz podemos perceber uma crítica velada à sociedade, onde ele diz: *“(…) Um ladrão é uma pessoa de categoria mais alta que um pirata. Isso de um modo geral, você sabe, porque na maioria dos países vivem entre a nobreza, entre duques e outros que tais. (...)”.* (2007, p. 192). Se trouxermos essa situação para os dias de hoje, veremos que não mudou muito, pois percebemos a todo momento que os grandes ladrões são os nossos governantes e políticos, que roubam bem embaixo do nosso nariz, nada acontece e ainda são considerados pessoas de “categoria”, pessoas “nobres”.

Dessa forma, a divertida história de Tom Sawyer mostra-nos um menino órfão e pobre que através de sua esperteza e malandragem, traça uma trajetória de ascensão.

“As Aventuras de Tom Sawyer”, obra escrita por Mark Twain e publicada em livro em 1896, situa-se na literatura norte-americana dentro do período denominado “realismo”, o qual apresenta como tema central “o social” e como foco, “a realidade”. Nesse contexto, o autor quer convencer que a sua história é verdadeira e, para isso, cria uma realidade para o personagem principal, Tom Sawyer, utilizando-se da verosimilhança, que consiste em uma aproximação com a realidade.

No prefácio da obra, o autor deixa explícito que tudo o que conta ocorreu de fato, querendo com isso mostrar que existe uma ligação entre o mundo real e a ficção que ele utiliza na narração. Pode-se perceber que esse prefácio, de uma certa forma, foge da obra, a qual deixa de ser realista quando Mark Twain cria um personagem que não é expressão da realidade: a personalidade de Tom Sawyer está ligada à personalidade de todos os outros meninos.

“(…) A maioria das aventuras que aparecem neste livro são o reflexo (grifo nosso) da realidade; (...) Huck Finn existiu, Tom Sawyer também, embora não se trate de um único

indivíduo; é a combinação das características de três meninos que conheci (...). (TWAIN, 2007, p.13)

Outro distanciamento entre o prefácio e a obra está no fato de o primeiro considerar o texto preso às verdades de “trinta ou quarenta anos atrás” enquanto que a narração, na verdade, funciona como um instrumento de diversão, não tendo um compromisso com a realidade. Esta só aparece na obra quando é retratada uma sociedade cheia de vícios.

“(...) As superstições aqui mencionadas existiam realmente entre as crianças e os escravos do Oeste ao tempo deste relato, ou seja, trinta ou quarenta anos atrás. (...) Embora este livro tenha sido escrito principalmente para divertir (grifo nosso) meninos e meninas, espero que não seja, por essa razão, desprezado pelos adultos, já que tinha em mente despertar as suas recordações do passado (...)”.(2007, p.13)

Realmente Mark Twain, no mundo mágico e infantil de Tom Sawyer, resgata lembranças talvez já esquecidas pelos adultos. *“(...) Em seguida foram buscar bolinhas de gude e puseram-se a jogar até que se fartaram. Joe e Huck voltaram então para a água, mas Tom não; é que, ao tirar as calças, deixara cair das pernas o seu cordão com anéis de cascavel, e não sabia mesmo como passara sem cãibras durante tanto tempo, não levando consigo aquele misterioso talismã. (...)”* (p.104), ou então, *“(...) -Você tira os cachimbos do bolso, nós os acendemos e começamos a fumar no meio deles.-Isso é que vai ser bom, Tom. Quem me dera que fosse já! -É verdade. E quando nós lhes dissermos que aprendemos isso no nosso tempo de pirataria, eles vão morrer de inveja por não terem estado conosco. (...)”* (p.108).

Não existe na obra uma função pedagógica, cuja intenção é educar, pois se bem observada, nota-se que é focalizada sob um ponto de vista infantil e não de um adulto, e o que importa realmente é a diversão. Outra consideração a que se pode chegar diz respeito à personalidade de Tom Sawyer, construída em função da educação recebida de sua Tia Polly. O menino recebe uma educação que o deixa “correr solto” e que, principalmente, aceita quando ele quebra as regras. Tia Polly, que por vezes tende a cobrar mais responsabilidade, acaba invariavelmente sendo tolerante, oferecendo assim uma educação que fica entre a “razão” (de educar) e a “emoção” (de acolher).

“(...) Não é fácil educar crianças sem bater nelas, está provado. Estou preparando um futuro triste para nós dois, bem sei. Ele tem o diabo no corpo, é o filho de minha finada irmã, e não tenho coragem de castigá-lo. Sempre que o deixo escapar, pesa-me a consciência, se bato nele me dói o coração. (...)” (p.16)

Sem uma definição concreta da posição da tia, Tom desenvolve uma personalidade que se de um lado é pura e até ingênua, por outro, torna-o capaz de inventar uma nova mentira para consertar uma outra já contada, sem pensar nas conseqüências.

“(...) Esse era um novo aspecto da questão. A sua esperteza da manhã parecera a Tom uma boa graça, muito engenhosa, mas agora a achava mesquinha. Curvou a cabeça e não se lembrou de nada para responder. Só depois de um pouco, disse:

- Titia, estou muito arrependido do que fiz, mas eu não pensei.

- Nunca pensa, filho. Nunca pensa em nada senão no seu egoísmo. (...)Me dê outro beijo agora, Tom, e vá já para a escola sem me aborrecer mais.(...)” (p.123 e 124).

Dessa forma como Tia Polly não dita as regras, Tom acaba por fazer uso da “malandragem”, tornando-se um personagem cativante, querido por todos mesmo não seguindo as regras da sociedade. Essa malandragem, reflexo também de sua inteligência, serve para inseri-lo na sociedade (uma vez que isso não pôde ser feito pelos seus pais) e determina o processo de formação do seu caráter, conduzindo-o por uma trajetória de ascensão. Isso pode ser observado no capítulo quatro, “Prêmio pelos ‘conhecimentos’ de religião”, quando ele “compra”, dos colegas, os cartões que lhe permitiram ganhar a bíblia, e ficar em evidência diante da população local.

Uma intertextualidade pode ser feita entre “As Aventuras de Tom Sawyer” de Mark Twain e “Macunaíma” de Mário de Andrade, pois neste o personagem principal faz uso da malandragem por não conseguir se inserir na sociedade, buscando assim a sua identidade, sua consciência, o conhecer-se a si mesmo. Assim como nas histórias de Tom Sawyer e Macunaíma, as grandes obras literárias procuram levar o leitor a buscar a sua consciência, a sua identidade e o seu auto-conhecimento, derrubando a cortina da sociedade e mostrando a sua essência.

Nesse romance de formação de Mark Twain, a formação de Tom Sawyer mostra a essência infantil.

Referências:

TWAIN, Mark. **As Aventuras de Tom Sawyer**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

Vitor Fernandes / Cassia Fernanda Mendes